

PAPA FRANCISCO A ESPERANÇA NUNCA DECEPCIONA

Peregrinos por um
mundo melhor

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



PAPA FRANCISCO A ESPERANÇA NUNCA DECEPCIONA

Organização

Hérrnan Reyes Alcaide

Tradução

Laura Vecchioli do Prado



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Mondadori Libri S.p.A., 2024

Publicado por mediação de Ute Körner Literary Agent (www.uklitag.com).

O texto deste livro foi escrito originalmente em espanhol, traduzido e publicado pela primeira vez em italiano sob o título *La Speranza Non Delude Mai* pela Mondadori Libri, no selo Plemme.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução brasileira © Laura Vecchioli do Prado, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *La Speranza Non Delude Mai*

PREPARAÇÃO: Fernanda Guerriero Antunes

REVISÃO: Ana Maria Fiorini

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial

CAPA: Rafael Brum

IMAGEM DE CAPA: Thierry Monasse/Getty Images

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Francisco, Papa, 1936-2025

A esperança nunca decepciona / Papa Francisco ; organização de Hérnan Reyes Alcaide ; tradução de Laura Vecchioli do Prado. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

224 p.

ISBN 978-85-422-3401-5

Título original: *La Speranza Non Delude Mai*

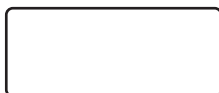
1. Literatura cristã 2. Esperança I. Título II. Alcaide, Hérnan Reyes III. Prado, Laura Vecchioli do

25-1445

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura cristã



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo, SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

ABREVIACÕES 9

PRÓLOGO – A esperança nunca decepciona 13

INTRODUÇÃO – Os rostos da esperança 25

1 – O rosto de uma mulher grávida 43

2 – O rosto de um pobre 75

3 – O rosto de um migrante 107

4 – O rosto de um civil durante a guerra 139

5 – O rosto esperançoso de um avô com seu neto 167

6 – A esperança sempre tem um rosto humano 195

NOTA DO ORGANIZADOR 221

O ROSTO DE UMA MULHER GRÁVIDA

No início do século XX, o artista Gustav Klimt pintou *Esperança I* (1903) e *Esperança II* (1907). Naqueles quadros ele retratou duas mulheres grávidas como um emblema dessa virtude. No primeiro, a mulher apoia as mãos entrelaçadas entre a barriga e o peito e olha diretamente para o espectador, com um rosto pacífico e tranquilo, apesar de a morte e outros personagens sombrios serem retratados ao seu redor. O que o pintor queria comunicar, como ele mesmo afirmou anos depois, é que “a beleza, a esperança só vem de dentro dela. E ela expressa isso com os olhos”.

É um quadro cheio de força. Quando se fala de esperança, sempre me vem à mente o rosto de uma mulher grávida. E eu acho que ela vai ao médico, faz

o ultrassom, vê o bebê que carrega no ventre e irradia felicidade por todos os poros. Todos os dias ela toca sua barriga para sentir aquela criança que ainda não conhece, pensa no nome que lhe dará, vive esperando por ela.

Sabemos que a “gravidez é um período difícil, mas também um tempo maravilhoso” (AL 168). Quando uma mulher descobre que está grávida, cada dia aprende a viver na espera de ver o rosto daquele bebê que vai chegar. E isso é esperança.

Uma passagem das Escrituras nos fala de uma esplêndida imagem que Jesus deixou aos seus discípulos na Última Ceia: “Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem” (João 16,21). O amor materno gera vida e dá sentido até à dor. O amor é o motor que impulsiona nossa esperança. É por isso que gosto tanto da imagem da mulher grávida como rosto simbólico dessa virtude.

Temos também o exemplo de Maria, que diz “sim” ao convite do Anjo, mesmo sendo muito jovem e não sabendo exatamente que futuro a espera. Então, Maria teve fé e naquele momento mostra-se a nós como uma das muitas mães do nosso mundo, com aquela coragem incomparável de acolher em seu ventre a história de um homem novo que nasce. É a audácia de ter esperança na humanidade.

O que nos dizem todas essas imagens? No mundo de hoje, a necessidade de esperança se traduz na necessidade de promover a natalidade.

Muitos tentaram incutir em nós teorias eugênicas segundo as quais já somos muitos na Terra, enquanto outros sempre se voltaram para o neomalthusianismo, na tentativa de encontrar justificativas para a cultura do descartável que ameaça exterminar do planeta milhões de nossos irmãos e irmãs. Sempre me impressionou o fato de “essas teses, hoje datadas e há muito ultrapassadas, falarem de seres humanos como se se tratasse de problemas. Mas a vida humana não é um problema, é um dom”.¹ Por isso, cada vez que encontrarmos o rosto de uma mulher grávida, saberemos que nela germina a verdadeira esperança da humanidade.

POR UMA PRIMAVERA DE ESPERANÇA PERANTE O INVERNO DEMOGRÁFICO

A revolução da esperança da qual devemos ser peregrinos neste Ano Santo inclui entre os seus maiores desafios o de conseguir reverter o inverno demográfico que se aproxima em várias regiões do mundo.

1. FRANCISCO, *Discurso aos participantes da IV edição dos Estados gerais da natalidade*, 10 de maio de 2024.

O nascimento de filhos, de fato, é o principal indicador para medir a esperança de um povo.² Se nascem poucas crianças, significa que há pouca esperança. Não se trata apenas do impacto na produção de um país ou na economia de uma região. É uma questão mais profunda e diz respeito ao tipo de confiança que depositamos em um futuro sem filhos.

A baixa taxa de natalidade é uma verdadeira emergência social. É uma luz vermelha que se acendeu muitos anos atrás e, no entanto, em um mundo onde há cada vez mais guerras, pobreza e fome, parece ter sido relegada ao segundo plano. Mas corremos o risco de, quando prestarmos atenção a ela, ser tarde demais.

Não há dúvidas de que em muitos países constituir família se tornou um fardo econômico cada vez mais pesado, o que infelizmente afeta a mentalidade das gerações mais jovens, que crescem na incerteza, na decepção e no medo. Principalmente nos chamados países “desenvolvidos”, vemos milhares de jovens que gostariam de ser pais, mas acabam deixando esse sonho de lado por medo do desafio que ele acarreta. Então, surgem substituições confortáveis que enchem a vida cotidiana de consumismo exasperado, de ilusória realização pessoal na solidão, de sacralização do tempo livre. Assim, o desejo de

2. FRANCISCO, *Discurso aos participantes da III edição dos Estados gerais da natalidade*, 12 de maio de 2023.

formar uma família é anestesiado e se transforma em uma utopia.

Essa atitude só pode empobrecer nossa família humana. É “uma pobreza trágica, porque atinge o ser humano na sua maior riqueza: trazer ao mundo vidas para cuidar delas, transmitir a outros com amor a existência recebida”.³ É uma forma de resignação e de conformismo que nos entristece. Perdemos a esperança: paramos de esperar grandes coisas.

A expansão da família humana – é disso que no fundo se trata – deveria ser um valor partilhado, que todos reconhecem e apoiam: o de olhar a vida em comum com uma esperança que se impõe às existências solitárias, nas quais fermentam o individualismo extremo e o hedonismo desenfreado desta era.

Não podemos esquecer: o todo é maior do que as partes. As crianças que vêm ao mundo não são apenas um presente para suas famílias, são pessoas com uma vida pela frente para contribuir com o crescimento de todos, pois trarão riqueza humana e geracional. Quem aumenta a família, ao mesmo tempo, está trabalhando para enriquecer a humanidade.

Fala-se cada vez menos sobre direitos familiares, que nos debates sociais, políticos e midiáticos dão lugar às necessidades individuais. Estou convencido,

3. FRANCISCO, *Discurso aos participantes da II edição dos Estados gerais da natalidade*, 12 de maio de 2022.

porém, de que a “família é um bem de que a sociedade não pode prescindir, mas precisa ser protegida” (AL 44).

É evidente, por exemplo, como é cada vez mais difícil para muitas mulheres escapar à armadilha do falso dilema imposto pela sociedade atual, que as obriga a escolher entre a carreira profissional e a maternidade. Ou quão grave é sobre seus ombros o peso de ter de cuidar de pessoas dependentes dentro da própria família, uma sobrecarga que afeta diretamente suas perspectivas de maternidade.

Para fazer essa revolução, para multiplicar esses rostos de esperança que são as mulheres grávidas, precisamos de uma aliança entre o mundo da política, dos negócios e da sociedade civil: devemos todos nos reunir e “raciocinar sobre como passar do inverno para a primavera demográfica”.⁴

A esperança, de fato, nos dirige um convite urgente a trabalhar arduamente para encontrar soluções que possam moldar uma sociedade à altura do momento histórico que vivemos, marcado por tantas injustiças. Aumentar a taxa de natalidade também significa remediar as formas de exclusão social que hoje afetam os jovens e seu futuro. Para dar um exemplo bem concreto: com que contribuições serão financiadas as licenças e

4. FRANCISCO, *Discurso aos participantes da III edição dos Estados gerais da natalidade*, 12 de maio de 2023.

as aposentadorias dos futuros trabalhadores, se amanhã não haverá filhos que trabalhem?

Faltava-nos visão de longo prazo e espírito comunitário, e isso nos desconectou da história. Não olhamos mais para o passado e não pensamos no futuro para perceber que pertencemos a uma família humana. Vivemos no perpétuo presente da selfie.

Temos uma memória na qual nos ancoramos; temos um futuro para deixar como legado àqueles que nos seguirão. Por outro lado: “A falta de filhos, que provoca um envelhecimento da população, assim como o abandono dos idosos numa dolorosa solidão, exprimem implicitamente que tudo acaba conosco, que só contam os nossos interesses individuais” (FT 19). Fizeram-nos acreditar que estávamos no “fim da história” para impor a fase mais selvagem de um capitalismo que mata; agora querem nos fazer acreditar que aquele fim da história está dentro de nós para que a família humana não continue a crescer.

Precisamos que os responsáveis pela política comecem a ver o problema do iminente inverno demográfico não como uma fotografia isolada, mas como um filme que se desenrola para uma conclusão que pode ameaçar a própria existência dos seres humanos na Terra.

O diagnóstico é urgente, mas ainda nos resta uma margem para ação. Não deixemos que formar uma família se torne uma ilusão: transformemos isso em algo realizável. Vamos dar esperança às mulheres e

aos homens que sonham em se tornar mães e pais. É uma tarefa que diz respeito a todos. São necessárias políticas públicas criativas, abrangentes e visionárias para promover a família.

Sei que em algumas regiões de alguns países europeus conseguiu-se manter estável a taxa de natalidade graças a benefícios como descontos em creches e em produtos para recém-nascidos. Isso foi obtido porque o Estado vigente, em aliança com o setor privado, decidiu criar um contexto no qual a economia deixa de ser um fator condicionante quando se trata de criar uma família. Esses incentivos, por outro lado, aliviam a carga das mulheres, de modo que possam seguir suas carreiras.

O setor privado também pode fazer muito mais para garantir empregos suficientemente estáveis e que deem segurança às famílias. O desejo de uma mulher pela maternidade, por exemplo, nunca deveria ser incluído entre as perguntas feitas durante uma entrevista de emprego, como uma espécie de filtro oculto.

Outra linha de ação que devemos explorar é conter os processos migratórios de jovens que deixam nossos países. Se começar uma família na própria terra já é difícil, imaginem no exterior, sem o ambiente amoroso e atencioso em que crescemos.

Ao mesmo tempo, sabemos que não basta trazer uma criança ao mundo para dizer que se é pai ou mãe. Sem responsabilidade, o DNA não é suficiente. Por isso, toda vez que um pai ou uma mãe “pula fora” e deixa seus filhos

sem cuidados ou sem a ajuda correspondente, considero isso uma ferida aberta no corpo do menino Jesus.

Tornar-se pai significa assumir responsabilidades. Foi essa paternidade responsável que José exerceu quando reconheceu Jesus diante da lei e lhe deu seu nome, que significa “o Senhor salva”, cumprindo assim a ordem de Deus que o anjo lhe havia anunciado em sonho: “ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1,21). Em muitos países, o Judiciário está tomando medidas muito importantes para proteger os interesses dos filhos quando um dos pais negligencia as próprias obrigações.

Penso também na necessidade de facilitar o acesso à adoção, que considero “entre as formas mais elevadas de amor e de paternidade e maternidade”.⁵ Milhões de crianças no mundo esperam que alguém cuide delas, assim como há milhares de casais que gostariam de ser pais e mães, mas não podem por razões biológicas, ou que, mesmo já tendo filhos, querem ampliar sua família. Eles querem continuar trazendo esperança ao mundo.

Repito e reforço que a “queda demográfica, causada por uma mentalidade antinatalista e promovida pelas políticas mundiais de saúde reprodutiva, não só determina uma situação em que a sucessão das gerações deixa de estar garantida, mas corre-se o risco de levar, com o tempo, a um empobrecimento econômico e a uma perda de esperança no futuro” (AL 42).

5. FRANCISCO, *Audiência geral*, 5 de janeiro de 2022.

A família é o principal antídoto à pobreza material e espiritual que cresce no mundo, assim como ao problema do inverno demográfico que começa a atingir sobretudo o Ocidente, mas que, se não agirmos logo, também terá consequências para todas as outras regiões do mundo.

A FAMÍLIA, SEMENTE DE PAZ E DE ESPERANÇA

Onde há família, há amor, há uma semente de paz e de esperança. Não digo isso para idealizar famílias, muito pelo contrário. Em quase todos os lares há discussões, pratos voam, temos um pai ou um filho com quem ficamos bravos. Mas gosto de pensar nessas situações familiares como momentos de cruz e de ressurreição.⁶ Nós brigamos, mas depois nos perdoamos. E a família segue em frente mais forte.

Portanto, ao lado da mulher grávida, a família também é um rosto de esperança. No lar existem dificuldades, mas elas são superadas com o amor. E não digo que sejam discussões: pensem nas noites sem dormir que os pais têm quando um novo membro chega. Ou em situações de trabalho que podem afetar o vínculo do casal. Mas a família é aquela semente de

6. Cf. FRANCISCO, *Festa das famílias e vigília de oração*, Parque B. Franklin, Filadélfia, 26 de setembro de 2015.

amor que nos fortalece e nos ajuda a superar essas dificuldades. O ódio nunca nos levará por aquele caminho.

A família perfeita não existe. Não devemos ter medo da imperfeição, da fragilidade ou mesmo dos conflitos: ao contrário, aprendamos a enfrentá-los de modo construtivo. Assim, a família na qual todos se amam com seus limites e pecados se torna uma escola de perdão.

A família não é estática, não devemos considerá-la uma relíquia de museu: é o lugar do amor onde se concretizam a capacidade de se doar, o compromisso recíproco e a abertura generosa ao próximo, assim como o serviço à sociedade. Esse ambiente nos prepara de fato, desde a infância, para um mundo em que a convivência e a superação dos conflitos por meio do diálogo formam a maneira mais saudável de nos relacionarmos com os nossos irmãos e irmãs.

As famílias geram paz em todas as sociedades “porque ensinam o amor, o acolhimento, o perdão, que são os melhores antídotos contra o ódio, o preconceito e a vingança que envenenam a vida de pessoas e de comunidades”.⁷

Quero destacar mais uma vez que “a fraternidade se começa a aprender habitualmente no seio da família”, que, “por vocação, deveria contagiar o mundo com o

7. Cf. FRANCISCO, *Festa das famílias*, Croke Park Stadium, Dublin, 25 de agosto de 2018.

seu amor”⁸ e contribuir para o amadurecimento daquele espírito de serviço e participação que constrói a paz. Depositar esperança na família é ter esperança na paz.

Com esperança em um futuro de fraternidade e de paz, quero dizer aos jovens que, “sim, que vale a pena apostar na família e que nela encontrareis os melhores estímulos para amadurecer e as mais belas alegrias para partilhar”. Independentemente das dificuldades que possam encontrar, “não permitais que vos enganem quantos vos propõem uma vida desenfreada e individualista que acaba por levar ao isolamento e à pior solidão” (CV 263).

Quem dá vida a uma família toma para si uma das maneiras mais bonitas de ser revolucionário. Personifica a crença de que o amor vence o ódio e se torna um peregrino de esperança em meio à cultura predominante do provisório e do relativo. Em um mundo onde muitos pregam que o importante é aproveitar o momento, que não vale a pena assumir um compromisso para a vida toda nem fazer escolhas definitivas, vos convido a se abrirem para essa experiência inigualável do amor que é a família.

A família também deve ser defendida dia após dia. Além das ameaças de colonização ideológica que procuram contrapor-lhe modelos em que tudo passa pela

8. FRANCISCO, *Mensagem para a celebração do XLVII Dia mundial da paz*, 1º de janeiro de 2014.

experiência individual, existem as difíceis condições objetivas nas quais muitas delas são obrigadas a viver, a ponto de serem privadas até dos meios de subsistência.

A *Declaração universal dos direitos humanos* descreve a família como o núcleo natural e fundamental da sociedade, de modo que qualquer ataque à família acaba sendo um ataque ao todo. Em sociedades cada vez mais fragmentadas, nem mesmo as famílias, em grande parte, são poupadas da sensação de desenraizamento e orfandade que está se espalhando.

Se quisermos restabelecer sociedades fortes nas quais o senso de comunidade prevaleça sobre os individualismos, devemos começar pela reabilitação da família. E, para isso, a mais urgente das nossas prioridades é cuidar da dignidade de cada vida.

A DEFESA DA VIDA E DA FAMÍLIA

Recordemos as palavras do Concílio Vaticano II de que a vida deve “ser salvaguardada, com extrema solicitude, desde o primeiro momento da concepção; o aborto e o infanticídio são crimes abomináveis” (GS 51).

Existe uma cultura do descarte na qual o “ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora” (EG 53), e ela nos ameaça em todos os níveis: indivíduos, famílias e sociedade.

Uma das formas mais macabras dessa cultura do descarte é o aborto, um hábito que se globalizou na esteira de fortes campanhas ideológicas induzidas por alguns centros de poder, e que não podemos descrever de outra forma senão como um homicídio.

Não é de todo supérfluo reiterar que “a paz requer, antes de mais nada, que se defenda a vida, um bem que hoje é posto em causa não só por conflitos, fome e doenças, mas muitas vezes até mesmo pelo ventre materno, afirmando um pretense ‘direito ao aborto’”.⁹

O aborto não é uma questão de fé, mas de humanidade. É um problema pré-religioso. Deveria ser uma regra fundamental da convivência universal que ninguém possa arrogar-se o direito sobre a vida de outro ser humano: sobretudo se a vítima estiver indefesa e não puder se defender. A Pontifícia Academia para a Vida nos recordou recentemente que “Na era dos direitos humanos universais, não pode haver um ‘direito’ de suprimir uma vida humana”.¹⁰

Certos órgãos internacionais exercem uma pressão crescente para promover aberturas cada vez mais indiscriminadas em matéria de aborto. Como na era dos espelhos coloridos, muitas vezes se trata de uma

9. FRANCISCO, *Discurso aos membros do corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de ano novo*, 9 de janeiro de 2023.

10. PONTIFÍCIA ACADEMIA PELA VIDA, *Declaração*, 4 de março de 2024.

solicitação que se esconde, como um cavalo de Troia, no condicionamento da ajuda orçamentária e financeira aos países mais pobres.

A relação especial entre a mãe e o bebê que ela carrega no ventre é um amor verdadeiro e intenso entre dois seres humanos que se comunicam desde os primeiros momentos da concepção para promover a adaptação mútua, à medida que o bebê cresce e se desenvolve. É por isso que em muitas áreas cresce a preocupação com o aumento das chamadas terapias pré-natais que visam selecionar e descartar crianças afetadas por diversas patologias sob o pretexto da prevenção. O ensinamento da Igreja sobre esse ponto é claro: a vida humana é sagrada e inviolável, e o uso do diagnóstico pré-natal para fins seletivos deve ser fortemente desaconselhado, porque expressa uma mentalidade eugenista desumana que priva as famílias da possibilidade de acolher, abraçar e amar os seus filhos mais vulneráveis.

Assim como precisamos que os agentes públicos trabalhem ativamente para promover políticas que visem incentivar a natalidade, também é necessário o compromisso com a proteção dos direitos dos mais vulneráveis e com a erradicação da cultura do descarte.

Infelizmente, nos últimos anos, também se difundiu outra prática que, em nome dos supostos direitos de uma minoria, reproduz modelos coloniais e escravistas nos corpos de milhares de mulheres, privando-as de toda dignidade. Estou falando da barriga de aluguel.

A posição do Vaticano sobre esse ponto é clara, como recordei recentemente ao falar com embaixadores de todo o mundo: “O caminho da paz exige o respeito pela vida, por toda a vida humana, a começar pela do nascituro no ventre da mãe, que não pode ser suprimida nem se pode tornar objeto de tráficos ilícitos”. Por isso, reitero mais uma vez a condenação absoluta dessa prática que, “com gravidade, lesa a dignidade da mulher e do filho. Baseia-se na exploração de uma situação de necessidade material da mãe”.¹¹ Somos movidos pela crença humana de que um filho é sempre um presente e nunca o objeto de um contrato, e por essa razão eu me junto aos pedidos de alguns governos para que a barriga de aluguel seja considerada um crime universal.

Embora alguns países tentem transformá-la em um mercado lucrativo, não podemos pensar que exista uma barriga de aluguel “eticamente limpa” quando crianças são comercializadas. As mulheres que entram na chamada indústria reprodutiva, carregando no ventre filhos de outras pessoas, são exploradas mental e fisicamente. A maioria delas vem de origens pobres ou de países periféricos e é forçada pela necessidade econômica a vender o próprio corpo para depois ver a criança que trouxe ao mundo ser levada por outras mulheres que,

11. FRANCISCO, *Discurso aos membros do corpo diplomático acreditado junto à Santa Sé para as felicitações de ano novo*, 8 de janeiro de 2024.

em sua maioria, vêm de ambientes ricos e de países centrais.

Dessa forma, estão sendo repropostos modelos coloniais e escravistas que acreditávamos terem sido erradicados de grande parte do mundo.

Essas ameaças não nos devem distrair de levar a cabo, enquanto Igreja, uma pastoral que acompanhe e cure as feridas de todas as mulheres que fizeram um aborto ou foram vítimas desta nova forma de escravidão moderna que é a barriga de aluguel, a quem devemos sempre proporcionar conforto.

Elas foram, são e serão os rostos da esperança. São, além disso, as verdadeiras vítimas dessa problemática. Por isso não devemos desviar a rota da nossa pastoral, orientada por “um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora” (EG 195). Devemos nos perguntar se, como Igreja, estivemos à altura da tarefa de acompanhar adequadamente as mulheres que passam pela experiência do aborto, sobretudo aquelas que vivem em contextos vulneráveis.

Não podemos reduzir tudo isso a uma questão de conceder ou não perdão. Essas mulheres são, antes de tudo, vítimas: devemos, portanto, acompanhá-las. “É preciso estar no confessional e lá não devo punir nada, mas dar consolação. Por isso, abri a faculdade de absolver [do pecado de] o aborto por misericórdia, porque muitas vezes – antes, sempre – devem encontrar-se com seu

filho. E com frequência, vendo-as chorar e carregar esta angústia, aconselho: ‘O teu filho está no céu, fala com ele, canta-lhe a canção de embalar que não cantaste, que não pudeste cantar-lhe’. E nisto encontra-se uma via de reconciliação da mãe com o filho. Com Deus, já existe: é o perdão de Deus.”¹²

Conforme nos aproximamos do Jubileu da Esperança, eu gostaria de recordar o que foi estabelecido sobre esse ponto para o Ano Santo da misericórdia de 2016, quando ofereci escuta e perdão a todas as mulheres que quisessem confessar-se por terem recorrido ao aborto, sem necessidade de autorização prévia do bispo da diocese. Para nós continua sendo um pecado, mas “posso e devo afirmar que não existe algum pecado que a misericórdia de Deus não possa alcançar e destruir, quando encontra um coração arrependido que pede para se reconciliar com o Pai”.¹³

Ao mesmo tempo, demos passos decisivos para que mães solas que escolheram ter seus filhos fora do casamento não sejam mais impedidas de acessar os sacramentos. Assim como somos chamados a acompanhar melhor as mulheres que decidiram abortar e a abrir-nos ao perdão delas, também é necessário que abandonemos os formalismos rígidos para cuidarmos daquelas que

12. FRANCISCO, *Coletiva de imprensa durante o voo de retorno do Panamá*, 27 de janeiro de 2019.

13. FRANCISCO, carta apostólica *Misericordia et misera*, 20 de novembro de 2016.

decidiram levar adiante a sua gravidez mesmo em meio a um mar de dificuldades.

Nesse contexto, o Dicastério para a doutrina da fé foi claro quando pediu pelo fim da hipocrisia de negar os sacramentos a qualquer mulher que tenha a coragem de prosseguir com a gravidez, ignorando os cantos das sereias do aborto.¹⁴

A dignidade de toda pessoa é inviolável, independentemente de qualquer circunstância. Todo ser humano faz parte de um plano de amor de um Deus Pai que lhe deu a vida gratuitamente. É assim que viemos ao mundo desde o momento em que nossa mãe nos espera em seu ventre com esperança. E, enquanto filhos, todos nós fomos receptores desse olhar no ventre da mãe. Agora cabe a nós nos tornarmos peregrinos da esperança para levá-la a toda a humanidade, começando pelas nossas casas, pelo amor familiar que nos cerca.

A DIGNIDADE DA MULHER

O respeito pela dignidade de todos é um tema central no cristianismo, pois a vida de cada pessoa é sagrada

14. Cf. DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta a S.E. Dom. Ramón Alfredo de la Cruz Baldera, bispo de San Francisco de Macorís (República Dominicana) sobre o acesso das mães solteiras à Comunhão eucarística*, 13 de dezembro de 2023.

por ter sido criada à imagem de Deus (Gênesis 1,26-27). Essa dignidade idêntica se aplica tanto a homens como a mulheres.

Há quase trinta anos, foi assinada a Conferência de Pequim sobre as mulheres, convocando-as a desempenhar papel importante em todos os níveis da sociedade, a assumir corajosamente as rédeas e dar sua contribuição insubstituível ao serviço do bem comum. No entanto, até hoje nos entristece ver que em muitas latitudes, em demasiadas situações e em inúmeros países há mulheres que são deixadas para trás e são vítimas de escravidão, tráfico, violência, exploração e imposições degradantes.

Não nos cansaremos nunca de lutar até que tenham a dignidade que merecem. Infelizmente, constatamos que, “apesar dos compromissos assumidos por todos os Estados de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais de cada pessoa, ainda hoje, em muitos países, as mulheres são consideradas cidadãos de segunda classe”.¹⁵ Ainda há muito a ser feito para passar das palavras à ação, para pôr fim às violências e aos abusos a que são submetidas e permitir-lhes pleno acesso à possibilidade de estudar, de trabalhar e de expressar suas habilidades.

Gostaria de reiterar mais uma vez minha rejeição absoluta a qualquer forma de discriminação contra as

15. FRANCISCO, *Discurso aos membros do corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé para as felicitações de ano novo*, 9 de janeiro de 2023.

mulheres. Devemos praticar a igualdade total. E se esse processo foi por vezes “adormecido” pelos homens responsáveis por governar, mais ainda é preciso estudar, sempre que necessário, a introdução de quotas mínimas (a chamada discriminação positiva) para garantir uma plena igualdade de oportunidades e permitir que a humanidade percorra um verdadeiro caminho de todos juntos, integrando todos. Inúmeros estudos mostram que as mulheres são as que mais sofrem com o impacto da pobreza, da exploração, da falta de educação e de assistência médica, para citar alguns indicadores.

Todos esses fatores fazem com que seja impossível se iludir quanto à existência de igualdade entre mulheres e homens desde o início, em termos de trabalho ou carreira acadêmica, como afirmam alguns discursos de extrema meritocracia. Essas lacunas na origem aumentam ainda mais quando, além disso, as mulheres são pobres ou negras.

Muitas formas de pobreza e privação afetam particularmente as mulheres. São elas que, especialmente em contextos de fragilidade econômica e de falta de educação, correm maior risco de sofrer abuso sexual e casamento infantil. Que esperança podemos ter em um mundo onde as pessoas encarregadas de dar à luz seus futuros habitantes são maltratadas?

Esse tema não permite nenhuma mesquinha política ou ideológica. Não há “ismos” que forneçam uma desculpa válida para defender ou justificar o

machismo desenfreado que pode não apenas levar ao assassinato, mas atropelar a dignidade das mulheres. É uma questão de humanidade.

A presença das mulheres na sociedade faz bem a todos. Lembremos que “a humanidade sem a mulher permanece sozinha. Uma cultura sem a mulher permanece sozinha. Onde não há mulher, há solidão, solidão árida que gera tristeza e todo o tipo de dano para a humanidade. Onde não há mulher, há solidão”.¹⁶

Certas situações nos levam a perguntar se a identidade antropológica das mulheres não está exposta a um duplo perigo: por um lado, tenta-se negá-la para impedir a efetiva promoção do seu papel na sociedade, que não pode permanecer uma mera letra morta em dezenas de acordos internacionais, mas deve ser para todos nós um imperativo moral. Por outro lado, a identidade feminina corre o risco de ser explorada como objeto de disputas políticas e ideológicas, muitas vezes concebidas por círculos intelectuais que ignoram a beleza com que foi criada e, favorecendo um falso progressismo, tentam apagar todas as suas diferenças em relação aos homens.

O homem e a mulher “não são iguais, um não é superior ao outro, não. É simplesmente que o homem não traz harmonia: é ela que traz aquela harmonia que

16. FRANCISCO, *Discurso na Assembleia geral da União mundial das organizações femininas católicas (Umojc)*, 13 de maio de 2023.

nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bonita”.¹⁷ Precisamos dessa harmonia para combater a injustiça, a ganância cega que prejudica as pessoas e o meio ambiente, e a guerra injusta e inaceitável. Quando homens e mulheres trabalham juntos, produzem-se resultados imediatos: nos lugares onde há maior igualdade de acesso a áreas como educação e trabalho, são evidentes “as vantagens associadas à sua maior valorização nos campos da economia, da política e da sociedade”.¹⁸

As mulheres já são atrizes centrais nos espaços de poder que conseguiram acessar. Estou convencido de que se pudessem desfrutar plenamente da igualdade de oportunidades, fariam uma contribuição inestimável para um mundo melhor.

Mesmo antes da pandemia, que nos deu exemplos concretos do valor da liderança feminina (penso em algumas chefes de Estado, gestoras de saúde, responsáveis por instituições prisionais), era claro que as mulheres tornam o mundo mais bonito, protegem-no e mantêm-no vivo.

17. FRANCISCO, *A mulher é a harmonia do mundo*, homilia na capela da Casa Santa Marta, 9 de fevereiro de 2017.

18. FRANCISCO, Prefácio ao livro *Più leadership femminile per un mondo migliore. Il prendersi cura come motore per la nostra casa comune* (“Mais liderança feminina para um mundo melhor: o cuidado como motor para a nossa casa comum”), Vita e Pensiero, Milão 2023.